

# 1912-1952

## Quarenta anos atrás

Waldir Freitas Oliveira

Em 15 de outubro de 1952, comemorando seu 40º aniversário, circulou A TARDE em edição especial. Um segundo caderno, então intitulado "2ª Seção", trazia, em sua primeira página, artigos de Pedro Calmon — "Quatro Décadas Bahianas", Afrânio Coutinho — "Pedaco da Alma Coletiva", Ranulpho Oliveira — "Quando se viajava por mar...", (Reminiscências de um Repórter do Setor) e Luiz Viana Filho — "Um Novo Jornal". Coubes à redação a elaboração do tópico "Lembrando Companheiros Mortos" e dela também constante a montagem da matéria "Na Bahia e no Mundo, Dia a Dia", um sumário das principais notícias publicadas em A TARDE durante os seus primeiros 40 anos de existência, num esforço enorme de pesquisa sobre um universo de mais de 13 mil exemplares do jornal, nele estando incluídas informações as mais diversas, desde a dá venda ao Estado, por Dona Clara César de Moraes, viúva do negociante Miguel Francisco Rodrigues de Moraes, por 230 contos de réis, do prédio e do terreno destinados à construção do Palácio da Aclamação, noticiada na edição de 23 de outubro de 1912, ou a da atracação no novo cais do porto da Bahia, do primeiro navio que ali chegara, trazendo da Dinamarca pedras para o revestimento das docas, divulgada na edição de 7 de novembro daquele mesmo ano, até a notícia do sensacional feito do atleta Adhemar Ferreira, ganhando para o Brasil, na Olimpíada de 1952, a medalha de ouro, na prova do salto triplice, constante da edição de 24 de julho desse ano, ou a do falecimento, em consequência de um desastre de automóvel, do cantor Francisco Alves, que apareceu no jornal de 27 de setembro de 1952. Havendo tal sumário ocupado espaço em 10 das 16

páginas que formaram a referida "2ª Seção", a partir da primeira. Desta constou, ainda, nota mencionando os nomes que integraram a primeira redação de A TARDE, valendo aqui lembrá-los — diretor, Simões Filho; redator-secretário, Henrique Cândia; redatores, Guilherme de Andrade e Marques Pinto; sendo nela também mencionados os nomes de outros funcionários do jornal — José Santos e Zenon Pena, que trabalhavam na Gerência, e o do correspondente telegráfico no Rio de Janeiro — Dr. João Batista de Macedo Guimarães; como, ainda, o do primeiro colaborador de A TARDE, Teodoro Sampaio, que publicou, na edição inaugural do jornal, um

**A única ilustração dessa primeira página foi a reprodução — inverso e verso — da medalha comemorativa do 40º aniversário.**

artigo sobre a Igreja da Ajuda. Em outra nota, foi feita referência especial a um artigo operário baiano — Teodoro Costa, que auxiliara o técnico norte-americano, enviado do seu país para a montagem dos dois primeiros linótipos instalados ainda no prédio, na Rua Manoel Vitorino, onde começara a funcionar A TARDE; com a informação de que o referido operário continuava, 40 anos depois, a prestar assistência técnica ao jornal.

A única ilustração dessa primeira página foi a reprodução — inverso e verso — da medalha comemorativa do 40º aniversário da fundação de A TARDE, mandada cunhar por iniciativa de amigos do jornal, trazendo no anverso a efígie de Simões Filho,

circundada pelos dizeres "E. Simões Filho, Fundador de A TARDE — 1912 — 15 de outubro — 1952" e, no verso, a reprodução do edifício onde funcionava, então, o jornal, envolvida pelos dizeres "Cidade do Salvador — Edifício de A TARDE — Praça Castro Alves".

Nas demais páginas do caderno colaboraram Antônio Viana — "Como nasceu A TARDE"; Raphael Barbosa, redator de O Globo, do Rio de Janeiro — "Mensagem ao berço", lembrando o tempo em que se iniciara no jornalismo, neste jornal; Ubaldino Gonzaga — "Passado e Presente do Foro Baiano", artigo ilustrado com os retratos dos advogados Odilon Santos, Vital Soares e Metódio Coelho, e com fotografias do Convento da Palma, do prédio do antigo Fórum, na Rua da Misericórdia, e do atual Fórum Ruy Barbosa; Gustavo Martins — "Aspectos sociais da Bahia"; Pinto de Carvalho — "Ao termo de 40 anos: Música melhor e mais ouvida", texto ilustrado com os retratos de Alberto Muiyaert, Deolindo Fróes e João Antônio Wanderley; Antônio Figueiredo — "A margem da função da Imprensa"; Aristides Novis — "Impressões da Clínica na Cidade nestes 40 anos", ilustrado com os retratos de Clímério de Oliveira, Armando Tavares, Sabino Silva, Pacheco Mendes e Francisco Cardoso e Silva; Oswaldo Sá Menezes, então diretor do Departamento da Indústria e Comércio — "Quarenta anos de indústria na Bahia"; Padre Salles Brasil — "A presença da Igreja na vida bahiana"; Antonio Rocha — "O primeiro número de A TARDE"; Zoroastro Figueiredo — "A evolução da moda — Da época dos toucados aos novos tempos do 'Maracanã'"; Ranulpho Assis Baptista — "O Bairro do Comércio (reminiscências de uma época)"; e, fechando o



Fac-símile da edição especial dos 40 anos

caderno, na sua última página, Alberto Silva, com um longo artigo sobre "A evolução material da cidade", ilustrado com fotografias antigas e novas de Salvador. Consoou, ainda, a edição, um soneto, de autoria da poetisa Elza de Mello, intitulado "Os 40 anos de A TARDE".

Anunciaram no referido caderno "Indústrias Klabin do Paraná de Celulose S.A.", "Companhia de Seguros Aliança da Bahia"; "S.A. Mercantil Anglo-Brasileira — SAMAB"; "Fratelli Vila"; "Eurico Magalhães & Cia. Ltda."; "Casa Alberto"; "O Estádio Lotérico"; "Banco Econômico da Bahia S.A."; "Costa Perna"; "Companhia Nacional de Seguros"; "S.A. Moinho da Bahia", além das prefeituras de Senhor

do Bonfim e Caravelas.

Quarenta anos depois, quando comemoramos o 80º aniversário deste jornal, sentimos-nos orgulhosos, como seu colaborador, dessa edição de 15 de outubro de 1952. Constitui esse segundo caderno referido, essa "2ª Seção", como preferiram chamá-lo os que o elaboraram, um dos mais importantes documentos da imprensa baiana sobre uma determinada época. Os que a fizeram, se esmeraram para dar aos leitores o melhor que se poderia, então, lhes ser oferecido. Transformou-se, então, dessa maneira, em fonte essencial de consulta para a reconstituição da história baiana nos 40 anos decorridos entre os anos de 1912 e 1952. Dele se valem,

com enorme proveito, todos os historiadores da Bahia.

Referimo-nos, de início, à nota de redação constante da primeira página daquela edição, lembrando companheiros já então falecidos. Registramos, agora, com enorme pesar, que a maior parte dos colaboradores daquele caderno já não se encontra entre nós. De Pedro Calmon, Luiz Viana Filho, Ranulpho Oliveira, Antônio Viana, Ubaldino Gonzaga, Pinto de Carvalho, Aristides Novis, Padre Salles Brasil, Zoroastro Figueiredo, Alberto Silva sentimos muitas saudades. Para honrá-los, de modo expressivo, encerraremos este preito de lembrança, transcrevendo o que então escreveu Afrânio Coutinho, que figurou entre aqueles colaboradores e continua a frequentar, com assiduidade, as páginas deste jornal. Dizia ele: "A TARDE é hoje um patrimônio coletivo. É um indispensável na economia doméstica do baiano. Haver conseguido tal posição só poderia resultar de ter sabido exprimir sempre a sua alma e os seus anseios, e defender seus interesses materiais e morais", e acrescentava: "Ela fala a sua linguagem, revela os seus pensamentos mais íntimos, vigia os seus costumes, traduz a sua opinião. Seus leitores não se sentem traídos, porque é como se fossem eles próprios que falassem". Pensamos de modo igual. Pelo que parabenzimamos todos aqueles que, no passado como no presente, lutaram e lutam para a manutenção do alto padrão deste jornal.

# A CULPA FOI DO EGÍDIO.

No final da década de 60 o jornal A TARDE ainda era impresso pelo sistema tipográfico. No último andar do famoso prédio da Praça Castro Alves, então sede da empresa, funcionava a clicheria, onde se preparavam as chapas metálicas-clichês-que possibilitavam a impressão de fotografias, anúncios, etc.

No comando da clicheria de A Tarde, uma figura carismática chamada Egídio. Negro, simpático, dono de uma paciência bíblica, pai de duas filhas lindas e três batalhadores rapazes.

A propaganda baiana engatinhava. As grandes agências eram a Publivendas, a Vínculo, a GFM depois GFM / Propeg, a Chama e a Norton. Despontavam no mercado a Warm-Up, a Rândam, a Denison NE, depois Denver, a D&E, a DM-9 e mais algumas. Quase todas sobrevi-



viam de contas de varejo, o que significava um corre-corre constante.

Anúncios passados no sábado para serem publicados na segunda. Não havia fotocomposição, não havia computador, não havia recurso nenhum. Apenas algumas poucas folhas de letreset, raras e de poucas fontes. E claro, as falhas aconteciam constantemente.

Quando na 2ª feira o cliente liga-

va enfurecido para a agência, a desculpa era sempre a mesma: a culpa foi do Egídio. Ele não preparou o clichê a tempo.

Assim seguiu a vida. Os anunciantes apostando nas agências, as agências apostando n'A Tarde e o Egídio levando a culpa pelos erros sem perder o sorriso e a doçura.

Hoje não existem mais os clichês do Egídio, não existem mais as falhas. Existem ainda o Egídio, A Tarde e este mundo maravilhoso que é a propaganda e a comunicação.

Quase sem culpas.

**DS/2000**  
PUBLICIDADE E PROMOÇÕES LTDA

Homenagem da DS / 2000 nos 80 anos d'A Tarde, um jornal com muita história pra contar.